

Coedição  *Latino-americana*  
25º ANIVERSÁRIO

# Mitos, contos e lendas

da América Latina e do Caribe





# Mitos, contos e lendas da América Latina e do Caribe

Ilustrações de Constanza Clocchiatti



**EM**  
MELHORAMENTOS



Tradução  
Adaptação - Reconto




Coedição  *Latino-americana*  


---

25º ANIVERSÁRIO

Patrocinada pelo CERLALC/UNESCO



# SUMÁRIO



## PRÓLOGO

A Pele do lago

Argentina

• • •

Sopa de pedras

Brasil

• • •

O homem-jacaré

Colômbia

• • •

O cavaleiro de sete cores

Guatemala

• • •

A mulata de Córdoba

México

• • •

O barco negro

Nicarágua

• • •

Naimlap, o homem-pássaro

Peru

• • •

Guanina e Sotomayor

Porto Rico

• • •

O homem que roubou os bodes

República Dominicana

• • •

Dona Raposa e os peixes

Venezuela

CRÉDITOS



# PRÓLOGO



As narrativas populares dos povos latino-americanos foram transmitidas boca a boca ao longo das gerações; também contribuíram para salvá-las do esquecimento aqueles que souberam resgatá-las por meio da escrita.

Essas narrativas anônimas – mitos, lendas, contos, fábulas – fazem parte do patrimônio cultural da América Latina.

Os mitos têm a função de resgatar a origem dos povos e esclarecer as dúvidas sobre a essência do Universo em que vivemos.

As lendas narram acontecimentos que a sabedoria popular transforma em relatos fantásticos.

Os contos tradicionais nos fazem mergulhar em um mundo de fatos e crenças que vão tomando forma graças à criatividade popular.

As fábulas, com suas imagens coloridas e seus personagens familiares, servem para exemplificar as atitudes e o modo de pensar dos seres humanos.

Essa riqueza cultural, plena de imaginação e fantasia, representa um legado que agora transmitimos às crianças e aos jovens por meio desta seleção de narrativas da América Latina e do Caribe, e esperamos que esse

contato com o inestimável tesouro de nossas tradições sirva de base para despertar neles o prazer da leitura.



## O aniversário da Coedição Latino-Americana

O objetivo desta antologia é comemorar os vinte e cinco anos da Coedição Latino-Americana, coleção que foi patrocinada pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc) e pela Unesco. Durante esse tempo, diversas editoras latino-americanas, num esforço editorial, divulgaram e promoveram nossa cultura, difundindo a literatura infantil e juvenil de tradição oral.

Mitos, Contos e Lendas da América Latina e do Caribe possui o espírito de toda a série da tradição oral já publicada pela Coedição. Assim, entre suas dez narrativas, reproduz a astúcia dos Contos Populares para Crianças da América Latina. Ensina-nos, de maneira mágica e poética, em Como Surgiram os Seres e as Coisas.

Leva cada um de nós pela mão até aquele “outro lado” imenso e fantástico em Contos de Lugares Encantados.

Mostra em Contos e Lendas de Amor o amor eterno e arriscado e, em Contos de Assombração, a inquietante história da mulher que voa. Com a

mesma intenção, desfila a picardia de Contos de Artimanhas e Travessuras e o assombro diante de uma transformação relatada em Contos de Animais Fantásticos.

Vocês estão convidados a ler o décimo título desta série e a encontrar o eco das inúmeras outras vozes que nos precedem e fazem parte de nossa voz atual.

ISADORA DE NORDEN



---

# A Pele do lago

• ARGENTINA •

---





Esta narrativa tem origem nos relatos dos povos mapuches, habitantes das margens do Lago Nahuel Huapi, no sul da Argentina. Os indígenas contavam que existia um ser que habitava as águas desse maravilhoso espelho-d' água. Zulema Cukier e Beatriz Tornadú investigaram diferentes fontes escritas e prepararam esta versão, baseando-se em relatos orais de San Carlos de Bariloche e província de Rio Negro.

Este conto pertence ao livro  
Contos de Lugares Encantados.  
Coedição Latino-Americana



Mas o que foi que viram, rapazes? – perguntou o delegado. – Será que não tomaram uns copos a mais?

– ...Para que fui dar bola ao Ramón... – murmurava o outro homem consigo mesmo. – Ele é que ficou me dizendo: “Vá lá, conte ao delegado”. Para que fui ouvir? Há horas em que a melhor coisa é calar a boca... A gente mal consegue acreditar e ainda precisa convencer os outros...

– Como era o que você viu, rapaz? Como era a coisa? Feito o dorso de um animal muito grande? – O delegado repetiu as palavras do homem com um tom entre interessado e incrédulo.

– Quero cair morto se não for verdade! Estão aí o Ramón e meu filho, que não vão me deixar mentir.

Lá no sul, o continente vai se estreitando. O ar fica frio; a terra, desabitada. Lá no sul, muitos lagos refletem as montanhas andinas. Lá no sul existe, sobretudo, um lago: o Nahuel Huapi. Imenso. Gelado. Profundo (ninguém sabe quanto).

– Você viu o Nahuel hoje? Parece pronto para que a Pele apareça...

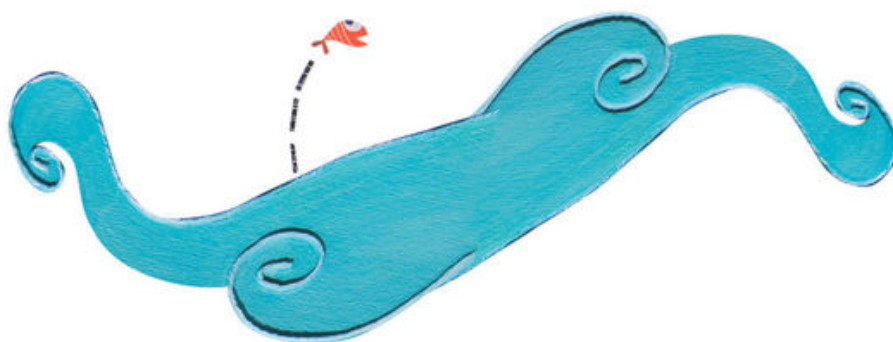
– Cruz-credo...

Quem vive à beira do Nahuel sabe que é impossível vê-lo todo de uma só olhada. Por mais alto que se suba, sempre há um pedaço do lago que não se pode ver. Há algumas ilhas e braços que se metem nas ladeiras das montanhas. Tem uma superfície enorme e estranha (“espaço para o mistério”, dizem).

– Ramón me contou que a viram ontem...

– Não diga! Você sabe que ontem, quando vi o lago, tive uma intuição: hoje a Pele vai aparecer!

Não passa um dia sem que os moradores da região deem uma olhada no lago, porque ele nunca é o mesmo. Toma a cor da paisagem. Se o céu está azul, o lago fica azul. Quando o sol brilha, a água vira um espelho. No inverno, é um reflexo das montanhas nevadas. No outono, avermelhado como os bosques de **lengas**. Na primavera, a margem do lago e a da terra se confundem em matagais florescidos de **rosas-mosquetas**. Se o vento sopra com força, ondas de espuma encrespam a superfície. Quando a brisa é suave, suaves ondas chegam até as margens.



Há dias (muito poucos, pelo que se diz) em que o lago fica negro, enigmático. Dias em que o ar fica parado, em que tudo se cala com um silêncio que parece eterno.

– Como foi que aconteceu? Igual às outras vezes. Não vai acreditar! Nós três estávamos pescando, bem dentro do lago. Ramón, meu filho mais velho e eu. Os três muito calados e atentos, porque as trutas estavam beliscando bastante. Um silêncio... Nisso eu ouço um ruído, feito uma longa trovada... (e não havia uma única nuvem). Os outros, ocupados com a pesca, não ouviram nada. De repente, a água começa a se agitar, cada vez mais. E

pertinho de nós sai uma coisa escura e grande, como o dorso de um enorme animal...

– Mas como era, como era? – apressou o delegado, dessa vez curioso, movendo os braços como se quisesse desenhar no ar.

– E... como a luz estava contra mim, não pude ver bem. E com o susto, menos ainda. Bem... a coisa vai ficando cada vez maior, maior... Depois, tão rápido como saiu, começou a afundar de novo. Nesse instante, uma pancada levantou o bote e os remos quebraram. Caímos todos na água.

O homem se interrompe um pouco, para coçar a cabeça, ainda perplexo.

– Foi tudo tão rápido... Apenas alguns segundos. Depois, o lago ficou tranquilo, como se nada tivesse acontecido. Endireitamos o bote e voltamos do jeito que pudemos, sem remos, mortos de medo. Nós nos salvamos por um fio.

– E está dizendo que foi a Pele do lago, rapaz? – mastigou o delegado, cada vez mais intrigado.

– E o que é que podia ser? Éramos apenas os três: olhe, meu filho não vai lhe mentir. Veja os remos quebrados. Como quer que lhe prove? Ainda mais se eu mesmo mal acredito? Mas que vi, vi. Foi igual às outras vezes. O lago quieto, quieto, escuro... Dia bom para a Pele, doutor.

Há anos e anos, lá no sul, a memória dos habitantes guarda histórias assim. Histórias contadas em voz baixa, porque nunca se sabe se quem está ouvindo vai acreditar ou vai rir da credulidade do outro.

“Vá lá saber... vá lá saber...”, murmuram alguns. (O mistério cresce melhor no silêncio.)

Há quem diga que uma enorme serpente mora no fundo do lago. Outros acham que uma colônia de arraias vive nas profundezas e às vezes – ninguém sabe dizer a razão – uma delas sobe até a superfície. Gente que sabe acha

que no fundo do lago há uma fenda, tão funda que é impossível medir. Uma fenda, algum movimento da crosta terrestre e... Opiniões, opiniões...

Mas os nativos dali sabem que há dias (poucos, segundo dizem) em que o Nahuel Huapi fica negro, enigmático. Nesses dias, as pessoas olham e olham..

Porque pode acontecer em qualquer dia, a qualquer hora e num único lugar do planeta. E, além disso, pode acontecer com você.

— — — — —



**Lenga:** árvore mediana do sul da América.

**Rosa-mosqueta:** arbusto abundante da mesma região.

---

# Sopa de pedras

• BRASIL •

---







O personagem Pedro Malasartes, conhecido com diferentes nomes em toda a América Latina, faz parte do folclore popular por sua astúcia e picardia. Por isso, diante de cada situação, é capaz de tirar proveito colocando em prática sua sabedoria e vivacidade. A compilação deste conto foi realizada por Ruth Guimarães, diretora do primeiro Museu do Folclore de São Paulo, autora de diversos artigos sobre folclore.

Este conto pertence ao livro  
Contos Populares para Crianças da América Latina.  
Coedição Latino-Americana



Pedro Malasartes era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio. Cada um contava um caso pior que o outro:

– A velha é unha de fome. Não dá comida nem pros cachorros que guardam a casa dela – dizia um.

– Quando chega alguém pro almoço, ela conta os grãos de feijão pra pôr no prato. Verdade! Quem me contou foi o Chico Charreteiro, que não mente – afirmava outro.



– Eta velha pão-duro! – comentava um terceiro. – Dali não sai nada. Ela não dá nem bom-dia.

O Pedro Malasartes ouvindo. Ouvindo e matutando.

Daí a pouco entrou na conversa:

– Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?

– Tu tá é doido! – disseram todos. – Aquela velha avarenta não dá nem risada!

– Pois aposto que pra mim ela vai dar – insistiu o Pedro. – Quanto vocês apostam?

A turma apostou alto, na certeza de ganhar. Mas Pedro Malasartes, muito matreiro, tinha um plano na cabeça. Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha. Era meio longe, mas pra ganhar aposta o Malasartes não tinha preguiça.

O Pedro foi chegando e arranchando ali bem perto da porteira do sítio da velha. Esperou um tempo pra ser notado. Quando viu que a velha já tinha reparado nele, armou o fogãozinho, botou a panela em cima, cheia d'água, e acendeu o fogo. E ficou o dia inteiro cozinhando água.

A velha, lá da casa, só espiando. E a panela fumegando.

E o Pedro atiçando o fogo.

Não demorou muito, a velha não aguentou a curiosidade e veio dar uma espiada. Passou perto, olhou, assuntou e foi embora. O Pedro, firme, atiçando o fogo.

No dia seguinte, panela no fogo, fervendo água, soltando fumaça. Pedro atiçando o fogo. A velha olhando de longe, lá de dentro da casa.

Até que ela não conseguiu mais se segurar de curiosidade. Saiu e veio, provocando, olhar de perto. O Pedro pensou: “É hoje!”.

Catou umas pedras no chão, lavou bem e jogou dentro da panela. E ficou atiçando o fogo pra ferver mais depressa.

A velha não se conteve

– Oi, moço, tá cozinhando pedra?

– Ora, pois sim, senhora, dona – respondeu o Pedro. – Vou fazer uma sopa.

– Sopa de pedra? – perguntou a velha com uma careta. – Essa não, seu moço! Onde já se viu isso?

– Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.

– Demora muito pra cozinhar? – perguntou a velha ainda duvidando.

– Demora um bocado.

– E dá pra comer?

– Claro, dona! Então eu ia perder tempo à toa?

A velha olhava as pedras, olhava pro Pedro. E ele atiçando o fogo, e a panela fervendo. A velha, meio incrédula, meio acreditando.

– É gostosa essa sopa? – perguntou ela depois de um tempo.

– É – respondeu o Malasartes. – Mas fica mais gostosa se a gente puser um temperinho.

– Por isso, não – disse a velha. – Eu vou buscar.

Foi e trouxe cebola, cheiro-verde, sal com alho.

– Tomate a senhora não tem? – perguntou o Pedro.

A velha foi buscar e voltou com três, bem maduros.

Pedro botou tudo dentro da panela, junto com as pedras. E atiçou o fogo.

– Vai ficar bem gostosa – disse ele. – Mas se a gente tivesse um courinho de porco...



– Pois eu tenho lá em casa – disse a velha. E foi buscar.

Couro na panela, lenha no fogo, a velha sentada espiando. Daí a pouco ela perguntou:

– Não precisa pôr mais nada?

– Até que ficava mais succulenta se a gente pusesse umas batatas, um pouco de macarrão...

A velha já estava com vontade de tomar a sopa e perguntou:

– Quando ficar pronta, posso provar um pouco?

– Claro, dona!

Aí ela foi e trouxe o macarrão e as batatas.

O Malasartes aticou o fogo pro macarrão cozinhar depressa.

Dali a pouco a velha já estava com água na boca!

– Hum, a sopa tá cheirando bem! Será que as pedras já amoleceram?

Em vez de responder, o Pedro perguntou:

– A senhora não tem uma linguicinha no fumeiro? Ia ficar tão bom...

Lá foi a velha de novo buscar a linguiça.

Cozinha que cozinha, a sopa ficou pronta. Malasartes então pediu dois pratos e talheres. A velha trouxe.

O Pedro encheu os pratos, deu um pra ela. Separou as pedras e as jogou no mato.

– Ué, moço, não vai comer as pedras?

– Tá doida! – respondeu o Malasartes. – Eu lá tenho dente de ferro pra comer pedra?

E tratou de se mandar o mais depressa que pôde. Foi correndo pra venda, cobrar o dinheiro da aposta.





# O homem- -jacaré

• COLÔMBIA •







O homem-jacaré é uma lenda da costa norte da Colômbia, na qual Sandro Romero Rey se inspirou para escrever esta versão. A popularíssima canção colombiana *Se va el caimán*, de Crescencio Salcedo, também tem sua origem nesse relato. Sandro Romero Rey, roteirista e crítico de cinema e televisão, além de diretor de teatro, vive na cidade de Cali. Venceu o Concurso Nacional de Contos 1978 com sua obra *Roma o para Leer al Revés*.

Este conto pertence ao livro  
Contos de Animais Fantásticos.  
Coedição Latino-Americana



Este é o jacaré, este é o jacaré  
de que fala toda a gente.

Este é o jacaré, este é o jacaré,  
jacaré inteligente.

Sim, meu amigo, esta história começou aqui mesmo. E aquele que é hoje o homem-jacaré sentava-se exatamente aí, onde agora o senhor está sentado, disposto a tomar seu copo de rum, a comer seu queijo e, por último, seu prato de arroz com coco. Ele vivia olhando para a margem oposta do rio e, quando adivinhava a presença de alguém do outro lado, engolia seu arroz e desaparecia na água. Por que ele fazia isso? Não se desespere, meu amigo. Acabe de tomar seu rum e escute, que a história está apenas começando. É uma história de amor como qualquer outra, mas com uma diferença: o homem saiu-se dela melhor do que ninguém, apesar de todas as dificuldades. Assim, se você vai pedir outro rum, faça-o já, pois vou contar minha história sem interrupções.

Havia um homem, alegre e despreocupado, que viajava com frequência de Pinilhos a Magangué vendendo toda sorte de alimentos e frutas deliciosas. Aos gritos, e em meio às brincadeiras entre ele e as pessoas daqui, o sujeito divertia todo mundo com suas histórias absurdas a respeito de como adquiria os produtos, a ponto de convencer os compradores de que as coisas que levavam eram maravilhosas.

Uma tarde, enquanto anunciava aos gritos a venda de umas laranjas que, segundo ele, possuíam a essência mágica do amor eterno, notou, para sua

sorte, uma bela morena com os cabelos molhados caminhando despreocupadamente. O homem puxou conversa com a moça e, num instante os dois sentiram-se profundamente atraídos um pelo outro. Ela se chamava Roquelina e era filha de um severo e intratável comerciante de arroz. Seus irmãos, que desempenhavam em segredo o papel de vigias dos passos da jovem, ao perceberem que Roquelina ficava cada vez mais atraída pelas belas frases do homem, alertaram imediatamente o pai.

Assim, pois, meu amigo, quando o sujeito apareceu, como de costume, com seus alaridos e produtos do outro mundo, e correu, feliz, para saudar com canções sua querida Roquelina, encontrou-se diante do intratável pai de sua amada.

– Aqui quem vende sou eu – disse-lhe, taxativo, o pai. – E minha filha não é arroz. Portanto, faça o favor de ir embora com a sua música, antes que tenhamos problemas. Ou eu não sei não! E, sem mais nenhuma palavra, pegou Roquelina pelo braço e arrastou-a consigo.

Foi a partir desse momento que o sujeito começou a vir todos os dias a este boteco, a pedir o mesmo rum, o mesmo queijo e o mesmo arroz com coco e a olhar para o outro lado do rio. Por quê? Logo comecei a entender. Por aqui, os homens tomam banho nesta margem do rio. No meio da corrente há um remoinho, e do outro lado tomam banho as mulheres. Aqui, as pessoas também fazem suas necessidades na água, sendo cobrado um centavo por tudo.

O que acontecia? Pois não é que o sujeito combinara com Roquelina que, quando ela fosse tomar banho, ele atravessaria o rio a nado para visitá-la? O senhor deve estar se perguntando como o homem faria para atravessar o remoinho, já que logo se percebia quão perigoso isso era para os seres humanos. Pois aqui está o segredo da história. O homem acabava de comer o

arroz, atirava-se na água e, pouco a pouco, seu corpo franzia-se, seus braços encolhiam-se em pequeninas patas, suas pernas uniam-se numa agitada cauda e cada um dos grãosinhos de arroz que havia comido transformava-se numa fileira de dentes afiadíssimos, até que ele virava um habilíssimo jacaré nadador.

Assim, o homem-jacaré atravessava com agilidade o remoinho e, depois de violentos chacoalhões, conseguia chegar até onde estava Roquelina, que o esperava ansiosa para, juntos, descobrirem as secretas profundezas do rio.

O homem vinha aqui diariamente, bebia e comia sua eterna ração e lançava-se em sua viagem de réptil até sua amada Roquelina. Essas visitas constantes acabaram alertando todos os pescadores da região.

Certa manhã, um dos irmãos de Roquelina avistou a cauda desenfreada do homem-jacaré rompendo o remoinho e, de imediato, deu o alarme.

Os pescadores de Magangué saíram à caça do bicho, mas todos os esforços foram inúteis. Quanto mais os homens se esforçavam para acabar com o animal, mais ágil ele ficava para chegar até a margem em que se encontrava Roquelina.



Tome outro rum, meu amigo, pois a história está chegando ao fim e o senhor tem de se preparar para o que vem aí.

O pai de Roquelina, homem exibido, prepotente e orgulhoso, localizou o lugar exato por onde o jacaré costumava nadar e organizou um cerco para agarrá-lo.

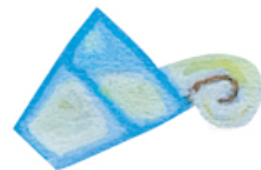
Um dia, bem cedinho, um numeroso grupo de pescadores navegou com muito sacrifício até aquelas paragens, procurando insistentemente pelo jacaré, sob o comando do pai de Roquelina. Enquanto isso, o homem de nossa história, sentado aí onde o senhor está, terminou seu rum, seu queijo e seu arroz e foi embora. Para onde ia, se todos estavam à sua procura? Logo fiquei sabendo. O espertalhão atirou-se na água, nadou depressa até o barco do pai de Roquelina e, de uma só vez, devorou todo o arroz que encontrou. Em seguida foi buscar sua amada, que dormia no cais. Suavemente, acomodou-a sobre suas costas e, sem acordá-la, afastou-se em silêncio. Nunca mais se soube deles. Mas desde esse dia todos os homens daqui escondem bem cedo suas mulheres e comem depressa todo o arroz que há na panela, antes que o homem-jacaré chegue e suma com mulher e grãos.



Isso é o que eu conheço da história, meu amigo. O bom mesmo é que, desde então, por estas bandas canta-se um merengue assim:

Na hora do sol nascente,  
quando no rio fui nadar,  
vi um jacaré singular,  
que tinha cara de gente.

Agora, o senhor já sabe por quê. A única coisa que não posso lhe oferecer, meu amigo, é um prato de arroz com coco, pois, não sei por quê, anda em falta por aqui. Mas... não quer que lhe conte outra história?



-----

**Merengue:** nome de um ritmo popular, conhecido também em alguns países do Caribe.



— — — — — 0 — — — — —

# O cavaleiro de sete cores

• GUATEMALA •

— — — — — 0 — — — — —





Entre os animais do folclore latino-americano que ajudam as pessoas, encontramos este cavallinho de sete cores. É um conto da tradição oral guatemalteca, ao estilo dos chamados contos maravilhosos.

O autor desta versão é Hector Felipe Cruz Corzo, professor, compositor, licenciado em Ciências Jurídicas e Sociais. Premiado em concursos literários nacionais e centro-americanos, foi também cofundador e presidente do grupo poético El Sereno, da cidade de Antigua, Guatemala.

Este conto pertence ao livro  
Contos de Assombração.  
Coedição Latino-Americana



Achácara de seu Isidro ficava ao pé da montanha. Era uma chácara limpa, grande e próspera. Suas verduras eram as melhores da região, e os agricultores dos arredores visitavam-no com frequência, para que ele lhes revelasse seus segredos.

Uma noite, seu Isidro e seus três filhos escutaram um tropel de cavalos fazendo uma estripulia danada entre as hortaliças. Acenderam as lanternas, penduraram as espingardas no ombro e saíram para ver o que estava acontecendo. Levaram um tremendo susto quando perceberam que os cavalos eram de todas as cores! Apontaram para disparar neles. Mas, como eram cavalos encantados, as balas viravam fumaça no ar. Ouvindo os disparos, os animais abandonaram a horta, depois de ter danificado muito as verduras, e fugiram sem deixar rastro, como se, em vez de caminhar, voassem.

Quando amanheceu, seu Isidro e os filhos foram olhar as verduras e ficaram muito tristes ao ver a horta destruída. Semearam novamente, e seu Isidro ordenou ao filho mais velho, chamado João, que cuidasse da semeadura durante a noite. João obedeceu. Mas, à noite, um sono irresistível apoderou-se dele, e ele adormeceu. Na manhã seguinte, viram que os canteiros semeados tinham sido destruídos.

Quando seu Isidro tomou conhecimento do fato, passou um tremendo pito no filho:

– Você é um inútil! Não serve para nada...

– Não foi culpa minha, pai. Comecei a sentir um aroma suave de flores noturnas e fui vencido por um sono estranho – respondeu ele.

– Agora é você quem vai ficar de guarda – ordenou o pai ao filho do meio, de nome Carlos.

– Está bem, pai – respondeu-lhe este.

Mas, como acontecera na noite anterior, um aroma semelhante ao da dama-da-noite espalhou-se por toda a chácara, e Carlos adormeceu.

Chegaram os cavalos e mais uma vez destruíram os canteiros.

A fúria de seu Isidro, ao ver sua horta novamente danificada, foi incontida. Ralhou com Carlos:

– Você também é um inútil preguiçoso! – disse-lhe.

– Eu não tive culpa, pai. Enquanto eu vigiava, senti um aroma doce e delicado. Então, um sono irresistível foi tomando conta de mim e não pude ver mais nada.

– Agora é você quem vai ficar vigiando – disse a José, o mais novo dos três filhos.

– Está bem, meu pai – respondeu este.

José era muito esperto e imaginou um plano para não dormir, surpreender os cavalos e, se possível, capturar algum. Pendurou uma rede entre duas laranjeiras, encheu-a de folhas de urtiga e se deitou. Quando aquele suave e penetrante aroma chegou, ele começou a bocejar, mas a coceira que lhe provocava o contato com as folhas de urtiga era tão forte que ele venceu o sono.

Estava se coçando quando o tropel de cavalos de todas as cores entrou na horta. José ficou admirado ao ver como eram lindos. Muito esperto, pegou uma corda e, num piscar de olhos, laçou o mais bonito de todos. Era como se o arco-íris estivesse retratado nele.



O cavalinho relinchava e fazia muita força para se soltar, sem conseguir, pois José colocara no laço uma pequena cruz de madeira que o foi acalmando, acalmando, até deixá-lo manso como um cordeirinho. Os outros cavalos, ao ver que seu rei havia sido preso, fugiram apavorados.

Quando o cavalinho de sete cores viu-se impossibilitado de fugir, propôs a José um trato:

- Solte-me e eu lhe darei o que você quiser.
- Não posso. Você é um moleque e vai prestar contas de suas travessuras a meu pai.
- Solte-me e farei com que as verduras fiquem ainda mais bonitas do que antes. Além disso, socorrerei você sempre que estiver em perigo.
- Para eu acreditar nisso, primeiro você tem de pôr as verduras em ordem.
- Está bem. Observe e escute:

Pedras brancas, pedras lisas,  
os olhos do **alcaravão**,  
aqui se levantarão  
as melhores hortaliças.

No mesmo instante, cresceram ali as mais belas verduras, diante do espanto de José, que finalmente se atreveu a dizer:

– Vejo que você realmente possui poderes mágicos. Vou soltá-lo, porque um cavalo tão lindo assim não deve ficar preso. Mas prometa-me que nunca mais virá estragar as hortaliças de meu pai.

– Prometo, sim.

José soltou o cavalinho, que sumiu tal qual uma bexiga colorida que o vento leva.

Às cinco horas da manhã, seu Isidro e os dois filhos foram ver as verduras e assombraram-se por encontrá-las mais bonitas do que antes.

– Como vocês podem ver – disse seu Isidro aos dois filhos –, meu filho mais novo é um valente. E foi correndo abraçá-lo.

Os dois irmãos maiores ficaram morrendo de inveja e decidiram abandonar a casa do pai, partindo por um caminho desconhecido... Seu Isidro adoeceu de tristeza, e José teve de sair para procurá-los. Ao perceber a chegada dele, seus irmãos o pegaram pelas mãos e pelos pés e jogaram-no num poço profundo. Com toda certeza José teria morrido, mas ele se lembrou do que dissera o cavalinho de sete cores e o chamou. No mesmo instante, o cavalinho chegou e o salvou. Então, José correu novamente para alcançar os irmãos. Estes, ao vê-lo, olharam-se incrédulos, pois não entendiam como ele tinha saído do poço.



– Meus irmãos, nosso pai está doente pela ausência de vocês – disseram-lhes.

– O que importa! – responderam eles. – Ele já tem seu filhinho para servi-lo em tudo.

E foram embora pela montanha, enquanto José, seguindo os passos deles, suplicava-lhes que voltassem.

Logo que passaram a nascente, leram um decreto real cravado no tronco de uma árvore, que dizia:

Aquele que ganhar amanhã o anel de ouro nas **cavalladas** casar-se-á com a princesa.

É preciso dizer logo que o buraquinho daquele anel era como a cabeça de um alfinete, e que grandes cavaleiros haviam tentado ganhá-lo sem sucesso.



Os irmãos invejosos decidiram participar da prova. Fizeram de José seu criado e o puseram para dar banho nos cavalos e enfeitá-los. No dia seguinte, João e Carlos montaram seus cavalos e ordenaram a José:

– Quando voltarmos, queremos de almoço bife com batatas fritas bem douradinhas.

– Mas será que eu posso espiar o torneio?

– Não! – responderam-lhe e, às gargalhadas, partiram.

José estava tão triste que não tinha ânimo para nada. Nisso, lembrou-se de seu amigo, o cavaleiro de sete cores, e o chamou. No mesmo instante, ele apareceu:

– Em que posso servi-lo? – perguntou-lhe.

– Quero participar com você das cavalcadas e ganhar o anel de ouro para casar-me com a princesa – respondeu José.

– Com muito prazer – disse-lhe o cavaleiro. E saíram rumo ao palácio.



Todos os cavaleiros inscritos no torneio já haviam passado e ninguém tinha ganhado ainda o anel da princesa. Nisso, o mestre-sala disse:

– Que passe o último!

E, ao verem passar o cavalinho de sete cores, com cascos de prata, sela de veludo e montado por um cavaleiro vestido de ouro e sedas, que levou consigo o anel, deixando no ar um aroma delicioso, todos emudeceram.

– Eis o meu genro! – gritou o rei do camarote real. A princesa corou.

Minutos depois, José apresentou-se no palácio com o anel. No dia seguinte realizou-se a cerimônia do casamento na capela-mor. José mandou chamar seus dois irmãos, perdoou-os e suplicou-lhes que fossem buscar o pai para morar com eles no Palácio Real.

E o cavalinho de sete cores desapareceu como por encanto...



**Urtiga:** espécie de planta cujos pelos causam irritação à pele humana.

**Alcaravão:** garça que vive em pântanos ou charcos, de pescoço e patas curtos e plumagem mesclada de pardo.

**Cavallhada:** torneio popular em que os combatentes, com indumentária quase sempre luxuosa, geralmente montados em cavalos com arreios suntuosos, pleiteiam, com varas, prêmios enfiados numa corda. É festividade portuguesa derivada dos torneios medievais. No Brasil, sua difusão partiu do Nordeste, sendo ainda praticada em vários lugares.

-----  
○  
-----

# A mulata de Córdoba

• MÉXICO •

-----  
○  
-----





A história de uma linda mulher que vivia na cidade de Córdoba é uma lenda mexicana dos tempos coloniais, da qual também existem versões na América Central.

Esta versão foi inspirada em textos do historiador Luis González Obregón (1865-1938) e do poeta Xavier Villaurrutia (1903-1950). Foi realizada por Francisco Serrano, cujos textos têm aparecido em diversas publicações infantis, entre as quais se destaca *La luciérnaga* (O pirilampo), uma antologia de poesia contemporânea para crianças (1983).

Este conto pertence ao livro  
Contos de Assombração.  
Coedição Latino-Americana



Diza lenda que, há mais de dois séculos, viveu na cidade de Córdoba, no Estado de Veracruz, no México, uma bela mulher: uma jovem que nunca envelhecia, apesar de os anos passarem.

Era chamada de Mulata e tinha fama de advogada de casos impossíveis: as moças sem namorado, os operários sem trabalho, os médicos sem pacientes, os advogados sem clientes, os militares na reserva, todos recorriam a ela, que a todos contentava.

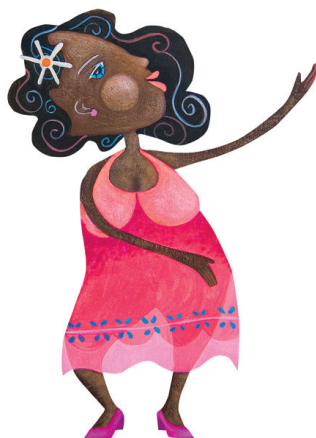
Os homens, fascinados pela sua beleza, disputavam o seu coração. Mas não eram correspondidos; a todos ela desdenhava.

As pessoas comentavam os poderes da Mulata e diziam que se tratava de uma bruxa, de uma feiticeira. Alguns garantiam tê-la visto voar pelos telhados e afirmavam que os seus olhos negros lançavam olhares satânicos enquanto ela sorria com aqueles lábios vermelhos e aqueles dentes alvíssimos. Outros contavam que a Mulata havia feito um pacto com o diabo e que o recebia em sua casa. Juravam que, passando-se diante da casa da bruxa à meia-noite, via-se uma luz sinistra que saía pelas frestas das portas e das janelas, uma luz infernal, como se o interior da casa estivesse sendo devorado por um poderoso incêndio.

A fama daquela mulher era enorme. Por toda parte falava-se dela, e em muitos lugares do México o seu nome era repetido de boca em boca. O mistério das suas origens aparecia até mesmo em canções:

Faz tempo, mas muito tempo,  
que vive na vizinhança,

bem do lado da pracinha.  
Na vizinhança? Mentira!  
Nunca ninguém a encontrou  
no pátio nem no saguão  
nem na rua nem na igreja,  
no mercado também não.  
Logo, não é deste bairro.  
Logo, chegou de repente.  
Em Córdoba apareceu  
um dia subitamente.



Ninguém sabe ao certo por quanto tempo perdurou o mistério da Mulata. O fato é que, certo dia, levaram-na de Córdoba e prenderam-na nos sombrios cárceres do Tribunal da Inquisição, na Cidade do México, acusada de bruxaria e satanismo. Foi julgada e condenada à morte.

Na manhã do dia em que seria executada, o carcereiro entrou no calabouço e ficou surpreso ao contemplar, numa das paredes da cela, o

desenho do casco de um barco, feito a carvão pela feiticeira, a qual lhe perguntou sorrindo:

– Bom dia, carcereiro. Poderias tu me dizer o que falta a este barco?

– Oh, mulher desventurada! – respondeu o carcereiro. – Se te arrependesses dos teus erros, não estarias a ponto de morrer.

– Anda, diz-me. O que falta a este barco? – insistiu a Mulata.

– Por que me perguntas? Falta-lhe o mastro.

– Se é isso o que lhe falta, isso ele terá – respondeu ela misteriosamente.

O carcereiro, sem compreender o que ocorria, retirou-se, confuso.

Ao meio-dia, ele voltou a entrar no calabouço da Mulata e contemplou, maravilhado, o barco desenhado na parede.

– Carcereiro, o que falta a este barco? – perguntou a mulher novamente.

– Desafortunada! – replicou o carcereiro, desconcertado. – Se quisesses salvar a tua alma das chamas do inferno, terias poupado a **Santa Inquisição** deste julgamento. O que pretendes? São as velas que faltam a esse barco.

– Se é isso o que lhe falta, isso ele terá – respondeu como sempre a Mulata.

E o carcereiro se retirou, intrigado com o fato de aquela misteriosa mulher passar as suas últimas horas desenhando, sem temer a morte.

Ao crepúsculo, hora fixada para a execução, o carcereiro entrou pela terceira vez no calabouço da Mulata e ela, sorridente, perguntou-lhe mais uma vez:

– O que falta ao meu barco?

– Infeliz! – respondeu o carcereiro. – Põe a tua alma nas mãos de Deus, nosso Senhor, e arrepende-te dos teus pecados. Nada falta ao teu barco, a não ser navegar. É perfeito!



– Pois se assim quiseses, se nisso puseses empenho, ele navegará. E para muito longe...

– Como assim? Quero ver!

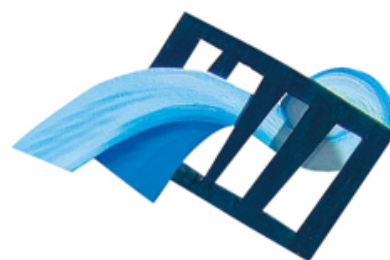
– Pois veja! – disse a Mulata e, rápida como o vento, pulou no barco. Este, devagar a princípio e depois rápido e a toda vela, desapareceu com a bela mulher por um dos cantos do calabouço.

O carcereiro ficou mudo, imóvel, com os olhos saltando das órbitas, os cabelos em pé e boquiaberto.

Ninguém soube mais nada da Mulata.

Supõe-se que ela esteja com o diabo.

Quem quiser acreditar em bruxaria,  
no muro, com carvão, que pinte um barco...



**Santa Inquisição:** assim eram chamados os tribunais da Igreja que, na Idade Média e, em certos países, na Moderna, dedicavam-se a descobrir e a castigar os hereges e os que supostamente se dedicavam à bruxaria, à magia e à feitiçaria.



# O barco negro

• NICARÁGUA •





Existem algumas versões em várias regiões da Nicarágua sobre barcos que navegam sem nunca encontrar o porto. Narrado por uma mulher do povoado de Zapatera, em 1930, este relato pertence a Pablo Antonio Cuadra, um dos escritores nicaraguenses mais conhecidos da atualidade. Tem uma vasta obra em verso, dirigiu várias publicações, como a revista *El Pez y la Serpiente*. Este conto foi publicado pela primeira vez em seu livro *Esos Rostros Que Asoman en la Multitud* (Esses rostos que aparecem na multidão).

Este conto pertence ao livro  
Contos de Assombração.  
Coedição Latino-Americana



Contam que muito, mas muito tempo atrás, uma lancha estava cruzando de Granada a São Carlos e, quando contornava a Ilha Redonda, recebeu sinais de socorro feitos com um lençol. Então dirigiu-se para lá.

Ao desembarcar, os tripulantes ouviram apenas lamentos de dor. As duas famílias que viviam na ilha, desde os idosos até as crianças, estavam morrendo envenenadas. Haviam comido uma rês que morrera picada por uma cobra venenosa.

– Levem-nos para Granada, pelo amor de Deus! – suplicaram.

– E quem paga a viagem? – perguntou o capitão.



– Não temos nem um centavo – responderam os envenenados –, mas pagamos com lenha, com bananas.

– E quem vai cortar a lenha? Quem vai colher as bananas? – indagaram os marinheiros.

– Estou levando uma vara de porcos a Los Chiles e, se não ficar atento, os animais morrerão sufocados – lembrou o capitão.

– Mas nós somos gente – argumentaram os moribundos.

– Nós também – replicaram os barqueiros –, e ganhamos a vida com isso.

– Mas, meu Deus! – gritou então o mais antigo morador da ilha. – Não veem que, se nos deixarem aqui, nos entregarão à morte?

– Lamento, mas temos compromissos – ponderou o capitão. E voltou ao barco com os marinheiros, sem sentir a menor pena daquela gente, nem mesmo vendo como os coitados se contorciam.

E lá ficaram eles. Mas uma velhinha levantou-se imediatamente do **catre** e, gritando o mais que pôde, lançou-lhes uma maldição:

– Que se feche o lago para eles, assim como nos fecharam o seu coração!

A lancha partiu, afastou-se pelas altas águas do lago a caminho de São Carlos e se perdeu. Assim contam. Nunca mais avistaram terra. Não podem ver as montanhas nem as estrelas. Há anos, dizem, séculos que estão perdidos. O barco já está negro, as velas, podres, e o **cordame**, arreventado.

Muita gente do lago os tem visto. Topam nas altas águas com o barco negro, e os marinheiros, barbudos e esfarrapados, gritam:

– Onde fica São Carlos?

– Onde fica Granada?

...Mas o vento os leva e não conseguem avistar terra. Foram amaldiçoados.



**Catre:** cama tosca e pobre.

**Cordame:** conjunto de cabos de um navio.

Naimlap,  
o homem-  
-pássaro

• PERU •







Este conto foi adaptado de uma lenda recolhida pelo cronista Miguel Cabello Valboa em sua obra *Miscelánea Anthártica*, publicada em 1586. A lenda nos explica a origem mítica da cultura Chimú, que floresceu na região de Lambayeque, costa norte do Peru, por volta dos séculos IV e V d.C. Esta versão para crianças foi elaborada por Pilar Ortiz Zevallos, Luciana Daelli, Patricia Camino e Marcela Valencia, equipe editorial dirigida por Martha Muñoz.

Este conto pertence ao livro  
Como Surgiram os Seres e as Coisas.  
Coedição Latino-Americana



Era de noite, mas as balsas continuavam avançando. Não perdiam um segundo. Fartos de guerras e de miséria, homens e mulheres audazes haviam-se lançado na busca de novos horizontes. Enfrentavam uma tarefa difícil. Sofriam penúrias. Algumas balsas desapareciam em terríveis tempestades, outras simplesmente se extraviavam. O cansaço, a sede e o frio os açoitavam. Falava-se em fracasso, em regresso.

No grupo, porém, havia um homem especial, que transmitia confiança e ânimo aos demais. Chamava-se Naimlap. Era pequeno e de voz cálida. Seus olhos grandes e negros, como os de um pássaro, cativavam a quem os olhasse. Sua balsa de **tотора** era igual às outras, mas tão leve que parecia voar sobre o oceano. Acompanhava-o sua mulher, Ceterni. Ambos tocavam suaves melodias em seus búzios. A música tranquilizava os homens e os fazia esquecer-se de suas penas, de seus problemas. Graças aos seus dons e à sua capacidade, Naimlap transformara-se num chefe muito querido por seu povo.

Uma noite, enquanto prosseguiam aquela interminável travessia, o temor invadiu Naimlap. Levantou a voz e disse:

– Lua, minha amiga, você me prometeu uma terra generosa. Eu a segui juntamente com meu povo, mas você nos abandonou. Já nem você nem as estrelas nos iluminam à noite.

Aparecendo entre as nuvens, a Lua respondeu:

– Continue o seu caminho, Naimlap. O mar o levará aonde lhe prometi.

Continuaram navegando. Os problemas aumentavam. As pessoas começavam a se desesperar. Desta vez Naimlap se queixou ao mar. Este,

comovido, respondeu-lhe:

– Acalme-se. Levante os olhos e você verá a terra por que tanto anseia.

Nesse fantástico momento, os músicos sopraram seus búzios e os cantores entoaram jubilosas melodias. Entre a multidão que ria e cantava sobressaiu a voz potente de Naimlap:

– Saltemos em terra! Demos graças aos nossos deuses. Por fim encontramos o lugar ideal para viver.

O chefe caminhou então sobre o pó de conchas marinhas que o encarregado Fonga Sigde derramara sobre a nova terra. Entusiasmados, os homens desembarcaram numa praia de areia dourada e começaram a percorrer os arredores. Depois de umas horas, comprovaram que se tratava de uma terra fértil, onde abundavam água doce e animais silvestres. Decidiram estabelecer-se ali, no lugar que mais tarde se chamaria Lambayeque.

A primeira coisa que fizeram foi construir casas de **taipa**. Em cada casa colocavam uma pequena estátua verde que se assemelhava ao bom chefe Naimlap. Depois, celebraram cerimônias de agradecimento, nas quais os dançarinos foram acompanhados por Pita Zofi, o mais hábil tocador de búzios.

À medida que o tempo passava, organizavam-se melhor: dividiam entre si as tarefas e cada um colaborava para o bem-estar comum. O bom chefe trabalhava com as pessoas e as estimulava a aprender novas técnicas. Foi assim que se desenvolveram os diferentes ofícios. Uns aprenderam a fazer **chicha** de milho, que matava a sede e jamais faltava nas festas. Outros confeccionavam magníficas roupas com plumas de aves e bordavam tecidos maravilhosos. Uns se dedicaram à maquilagem: pintavam seus rostos conforme a tarefa que desempenhavam. E muitos se dedicaram à pesca. E

esses primeiros artesãos ensinaram as técnicas a seus filhos, e estes aos seus, e assim sucessivamente. Com o tempo, o povo tornou-se grande e famoso. A figura de Naimlap tinha para todos um poderoso significado. Os homens haviam-se acostumado a respeitá-lo e a honrá-lo.

Havia, porém, uma coisa que os preocupava, que não os deixava viver tranquilos: o rosto de seu amado senhor refletia uma tristeza que ele não conseguia dissimular. Ninguém entendia por quê. Até que, certa manhã, Naimlap desapareceu. Procuraram-no em sua casa, pelos arredores, mas foi em vão. A preocupação era geral. Alguém disse ter escutado a mesma voz que lhe falara durante a travessia. Essa voz lhe dissera que era chegado o momento de partir, de regressar, e que Naimlap fora embora voando com umas asas imensas.

A tristeza tomou conta daquele povo. Ninguém dormiu naquela noite. Quase todos ficaram esperando a volta do chefe, sob uma tempestade de vários dias. Alguns saíram à sua procura. Sem se deter, Pita Zofi tocava seu búzio com uma intensidade com que jamais conseguira tocá-lo antes. Acreditava que, ao ouvi-lo, Naimlap voltaria.

Certa manhã, quando Pita Zofi concluía uma melodia, os demais viram uma revoada de aves seguindo um pássaro grande e brilhante, que voava em direção à Lua. Segundo os chefes, aquele pássaro era Naimlap, e o povo conservou para sempre essa crença.

Desde então, os homens não perderam a esperança de ver Naimlap novamente. A lenda foi transmitida de geração em geração, a fim de que, quando ele voltasse, fosse recebido como merecia.

Se alguma vez você escutar o som de um búzio, lembre-se desse valoroso povo chamando seu bom chefe Naimlap.

**Totora** (*Scirpus riparius*): palavra quíchua que designa uma espécie de junco ou espadana, natural da Argentina, da Bolívia, do Chile, do Peru e do Equador, que cresce em terrenos úmidos e pantanosos e tem muitas utilidades, entre elas a de prestar-se à construção de certo tipo de canoa ou balsa. Essa planta ainda é muito usada para isso e para cobrir casas pelos índios que habitam as margens do Lago Titicaca, situado na fronteira do Peru com a Bolívia.

**Taipa**: parede feita de ripas ou varas entrecruzadas, recheadas de barro. Também é conhecida pelo nome de pau a pique.

**Chicha**: bebida fermentada, que pode ser feita de milho, sua variante mais comum, ou preparada com sementes de frutas, tubérculos ou mel.



# Guanina e Sotomayor

• PORTO RICO •





Entre os relatos de apaixonados, encontramos esta lenda de origem porto-riquenha, que aparece tanto em *La palma del cacique*, de Alejandro Tapia y Rivera, quanto em *Guanina*, de Cayetano Coll y Toste. O adaptador desta versão, Jesús Tomé, é poeta e estudioso da história e da mitologia dos índios tainos. Há alguns anos codirigiu, na Universidade de Porto Rico (Rio Piedras), um seminário sobre transculturação na época da conquista.

Este conto pertence ao livro  
Contos e Lendas de Amor.  
Coedição Latino-Americana





Como todas as lendas, também esta que lhes vou contar se passou “naquele tempo”.

Os conquistadores espanhóis haviam se apoderado da Ilha de **Boririquém**, como então se chamava a Ilha de Porto Rico.

E aconteceu naquele tempo que um índio chamado Guarionex morria de amores por uma índia muito bela, cujo nome era Guanina, que na língua dos índios tainos quer dizer “resplandecente como o ouro”. Ele era um jovem e valente cacique, chefe de uma tribo e de um grupo de bravos guerreiros. Ela era a irmã de Agueybaná, o Bravo, cacique supremo de toda a ilha.

Cada vez que Guanina ia com as amigas à mata colher flores e ervas de cheiro, Guarionex saía ao seu encontro com o coração emocionado saltando dentro do peito.

– Por quanto tempo ainda você vai me negar o seu amor? – dizia-lhe ele.  
– Será que seu coração não lhe diz que eu só vivo pensando em você?

Guanina sorria para ele com afeto e permanecia calada. Mas, como não podia ocultar o seu olhar distante de apaixonada, uma terrível suspeita assaltava Guarionex. Ele a vira muitas vezes conversando com um dos conquistadores mais importantes, chamado Dom Cristóbal de Sotomayor, fundador de um povoado que batizara com o seu sobrenome.

– Eu sei, você ama Dom Cristóbal! – gritava-lhe sempre Guarionex, louco de rancor e de ciúmes.

Até que um dia Guanina acabou confessando-lhe esse amor com um profundo suspiro:

– É verdade, eu o amo, não posso mandar em meu coração. Embora ele não pertença ao nosso povo, eu o amo e o amarei para sempre.

E ela amava Dom Cristóbal porque ele era um jovem muito garboso e muito cortês no amor.

Ao ver que Guanina preferia um estrangeiro, Guarionex encheu-se de um ódio mortal contra Sotomayor. Às vezes parava diante da casa do espanhol e, aos gritos, o desafiava:

– Dom Cristóbal, um de nós deve morrer! O senhor não merece viver porque me roubou o amor de Guanina, e eu não quero continuar vivendo sem o amor dela.

Pouco depois, sucedeu algo que deixou Guarionex bem perto de cumprir esse desafio. Acontece que os índios já não podiam suportar por muito tempo a crueldade dos espanhóis. Isso era uma ingratidão, porque, quando os conquistadores chegaram, os índios **tainos** os haviam recebido com provas de amizade. Entre muitos índios e espanhóis haviam-se celebrado as cerimônias do guatiao, pacto de fraternidade selado com o intercâmbio de nomes. Por isso o cacique Agueybaná também era chamado de Dom Cristóbal. Mas os espanhóis se fizeram senhores de tudo e repartiram os índios entre si, como servos. Exploravam-nos no trabalho, principalmente nas jazidas de ouro. Desesperados, os índios ansiavam pela volta à liberdade.

Então, certa noite, celebraram um areito. Assim se chamavam as reuniões que os índios faziam para celebrar festas, recordar tradições e tomar decisões. Sobretudo quando era necessário declarar guerra. Na reunião daquela noite, presidida por Agueybaná, decidiram que todos os espanhóis deveriam morrer para que os índios pudessem se ver livres da escravidão.

No momento em que iam começar a preparar o ataque, ouviu-se a voz alterada de Guarionex:

– Eu me encarrego do povoado de Sotomayor.

E Guarionex tomou de assalto o povoado, incendiou-o e matou quase todos os espanhóis. Só um pequeno grupo se salvou, sob o comando de um intrépido soldado chamado Diego de Salazar.

Entretanto, Guarionex não pôde cumprir seu desejo de matar Sotomayor. O cavaleiro, cumprindo o ofício de capitão-mor, saíra para visitar os povoados e, precisamente naquele momento, chegava à palhoça de Agueybaná. Ali, sua amada Guanina advertiu-o do perigo que corria.

– Ponha-se a salvo, meu senhor – disse-lhe com lágrimas nos olhos e medo no coração. – O que seria de mim se chegassem a matá-lo?



Mas Dom Cristóbal negava-se a acreditar na rebelião dos índios.

– Meu orgulho de cavaleiro – explicou – impede-me de sair fugindo como um covarde.

Naquele momento chegou outro espanhol, que trabalhava como intérprete, e finalmente convenceu Dom Cristóbal a salvar-se e também aos demais espanhóis que o acompanhavam.

– Digam ao cacique Agueybaná – ordenou – que devo ir à Vila de Caparra para encontrar-me com o governador.

– Eu também vou – disse Guanina. – Não quero abandoná-lo. Na vida ou na morte, quero estar ao seu lado.

Agueybaná, ocultando suas intenções, não só o deixou partir como também cedeu-lhe uns criados para que ajudassem a transportar a carga. Porém, em segredo, disse aos criados que, quando comesse o ataque, fugissem rapidamente levando consigo o carregamento.

Sotomayor e Guanina partiram apressados, procurando os atalhos mais escuros da mata. Mas os índios os perseguiram e, numa curva do caminho, assaltaram-nos. Foi uma batalha feroz. Dom Cristóbal de Sotomayor defendia-se heroicamente com sua espada, mas os golpes dos **macanás** dos índios iam abrindo nele profundas feridas. No momento de maior perigo, Guanina se interpôs entre Sotomayor e os índios que o atacavam e recebeu em seu corpo o golpe mortal que ia dirigido a seu amado.

Houve, então, em Dom Cristóbal um momento de assombro e indecisão, e Agueybaná aproveitou para transpassá-lo com uma flecha. Sotomayor caiu de bruços e foi se unir, no abraço de morte, à sua amada.

Agueybaná mandou que os enterrassem juntos, mas ordenou que deixassem os pés de Sotomayor fora da tumba para que ele não pudesse encontrar o caminho da terra dos mortos. Pouco tempo depois da batalha, os espanhóis resgataram os corpos e os enterraram, um ao lado do outro, ao pé de um penhasco íngreme e à sombra de uma enorme paineira.

Desde então, os camponeses das montanhas dizem que, quando à noite o vento agita os galhos da árvore frondosa, ouve-se um murmúrio, que não é o rumor das folhas, e veem-se duas luzes muito brancas, que não são luzes de

vaga-lumes, mas os espíritos de Guanina e Sotomayor que flutuam, dançam e se fundem, cantando a felicidade de estarem unidos para sempre.



-----

**Boririquém:** adaptação ao português de Borinquén, nome, já espanholizado, dado pelos índios à Ilha de Porto Rico.

**Tainos:** palavra indígena que significa “os bons” e que dá nome aos índios das Grandes Antilhas.

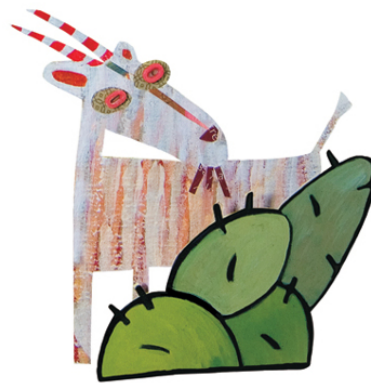
**Macaná:** espécie de maça ou clava usada pelos índios; feita de madeira muito dura e pesada.

---

# O homem que roubou os bodes

• REPÚBLICA DOMINICANA •

---





Este conto folclórico de muito humor foi recolhido pela American Folklore Society e inicialmente publicado em inglês em 1930, no livro *Folklore from the Dominican Republic*. Esta versão pertence a José Labourt, jornalista dominicano e autor de diversas obras, como *Sana, Sana*, *Culito de Rana*, *Trujillo: Seguiré a Caballo*.

Este conto pertence ao livro  
Contos de Artimanhas e Travessuras.  
Coedição Latino-Americana





Um camponês roubou uma dúzia de bodes e, para que prestasse contas disso, foi chamado pela Justiça.

Ele procurou seu compadre e lhe perguntou como poderia se defender diante do juiz, para não receber algum castigo.

– Não se preocupe – disse o compadre. – A cada pergunta do juiz comece a berrar como um bode.

Quando o homem estava diante do tribunal, o juiz lhe perguntou:

– Por que você roubou os bodes?

E o homem respondeu:

– Béééééé!

– Não, senhor. Assim gritavam os bodes quando você os levava! Eu perguntei por que você os roubou – disse o juiz.



Novamente, o ladrão de bodes respondeu:

– Béééééé!

O tribunal, achando que faltava juízo ao ladrão de bodes, o absolveu da acusação.

Ele estava de volta em casa quando seu compadre foi lhe dizer:

– Compadre, você está em liberdade graças à minha imaginação. Quero que você me entregue a metade dos bodes como pagamento de minha boa ideia.

E o ladrão de bodes prontamente respondeu:

– Béeéééé!



---

# Dona Raposa e os peixes

• VENEZUELA •

---





Esta narrativa da tradição popular venezuelana pertence ao conjunto de contos Seu Tigre e Seu Coelho, que se encontram em diversas versões nas áreas da América onde houve plantações e escravos africanos. Por isso, os estudiosos dizem que esses contos de animais são de origem africana.

Esta versão do conto é de Rafael Rivero Oramas, uma das figuras mais destacadas da literatura infantil venezuelana. Fundador e diretor das revistas infantis Onza, Tigre y León e Tricolor, foi durante muitos anos produtor e realizador de programas de rádio para crianças.

Este conto pertence ao livro  
Contos de Artimanhas e Travessuras.  
Coedição Latino-Americana



Um dia, bem cedinho, Seu Raposo andava pelo bosque. Ao passar perto de um rio, viu uma quantidade enorme de peixes nadando. Entusiasmado, ele começou a pescar. Eram tantos os peixes, e Seu Raposo estava tão esfomeado, que em pouquíssimo tempo pescou três lindas traíras.

Muito alegre, foi para casa e disse à mulher:

– Dona Raposinha, olhe só a sorte que tive hoje!

– Oh! Que traíras enormes! – exclamou Dona Raposa, já com água na boca.

– Pois é. Eu como uma, você, outra, e ainda vai sobrar uma... Por isso, eu pensei em convidar Seu Tigre para almoçar; sempre é bom agradá-lo...

– Você é quem manda, querido Raposo. Vou fritar com muito cuidado essas traíras. Vão ficar deliciosas! Ande, vá convidar Seu Tigre!

Seu Raposo esfregou as mãos, satisfeito, e saiu em busca de Seu Tigre.

Dona Raposa se pôs a preparar os peixes. Quando ficaram bem fritos, o cheiro era tão apetitoso que ela murmurou:

– Vou experimentar minha traíra para ver se ela ficou boa de sal. Só um pedacinho de nada, pois ia ser bem chato se eu a comesse inteira antes de Seu Raposo chegar com o convidado!

Ela começou a beliscar o peixe e achou-o tão saboroso que se esqueceu do que havia prometido. Em poucos segundos o prato ficou limpo.

– Estava deliciosa! Agora preciso experimentar a do Raposo; ele é muito delicado e, se sua traíra não estiver bem frita, com certeza vai ficar zangado!

Comeu a cauda torrada, depois uma das barbatanas, a seguir a cabeça e, quando percebeu, toda a traíra de seu Raposo havia desaparecido.

– Meu Deus, comi-a inteirinha! – ela exclamou. – Mas, agora, o estrago já está feito. Então não vai fazer diferença se eu comer também a última!

E, do mesmo jeito, comeu a última traíra.



Por fim, chegou Seu Raposo, acompanhado de Seu Tigre, e perguntou à mulher:

– Preparou as traíras?

– Claro que sim! Ainda estão no fogo para que não esfriem – ela mentiu.

– Sirva logo, porque estamos com muito apetite. Não é verdade, Seu Tigre?

– Sem dúvida, Seu Raposo. Eu, pelo menos... E com esse cheirinho de peixe frito que há por aqui...

– Vou pôr a mesa – disse Dona Raposa. – Sente-se ali, Seu Tigre. Aquele é o seu lugar.

– Obrigado, Dona Raposa.

Seu Tigre sentou-se, e Dona Raposa chamou o marido de lado.

– Vá até o quintal e afie bem as facas, pois as traíras eram muito velhas e ficaram duras demais – disse ela.



Seu Raposo correu até o quintal, e dali a pouco podia-se ouvir o barulho que faziam as facas contra a pedra de amolar.

Dona Raposa se aproximou de Seu Tigre e lhe disse:

– Você está ouvindo? É meu marido que está amolando uma faca. Ficou louco e meteu na cabeça que quer comer suas orelhas, Seu Tigre. Para isso é que ele trouxe você até aqui. Fuja logo, antes que ele volte, por favor!

Seu Tigre se assustou e saiu da casa a todo o vapor.

Então, Dona Raposa começou a gritar:

– Seu Raposo, Seu Raposo! Venha logo, que Seu Tigre fugiu levando todas as traíras!

E Seu Raposo, com uma faca em cada mão, começou a correr atrás de Seu Tigre, gritando:

– Seu Tigre, Seu Tigrinho! Me dê pelo menos uma!

E Seu Tigre, achando que Seu Raposo se referia às suas orelhas, apertou o passo, morrendo de medo, e não parou até estar bem trancado e seguro em sua casa.





Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Antologia para jovens leitores patrocinada pelo Cerlalc

[www.cerlalc.org](http://www.cerlalc.org)

Edição coordenada por Aique Grupo Editor, Argentina

Direção: Teresita Valdetaro

Edição: Maria Amelia Macedo e Cecilia Repetti

Supervisão gráfica: Verónica Uher e Victoria Maier

Projeto gráfico: Fabiana Barreiro

Ilustração: Constanza Clocchiatti

Tradução do prólogo: Arnaldo Bonsch

Diagramação em português: Negrito Produção Editorial

© 2007 desta antologia:

Aique Grupo Editor S. A., Argentina / Editora Melhoramentos, Brasil

Editorial Piedra Santa, Guatemala / CIDCLI, México

Anamá Ediciones, Nicarágua / Ediciones PEISA S. A., Peru

Ediciones Huracán, Porto Rico / Ediciones Taller, República Dominicana

Ediciones Ekaré, Venezuela

Direitos de publicação:

© 2008 Editora Melhoramentos Ltda.

1.<sup>a</sup> edição digital, dezembro de 2013

ISBN: 978-85-06-07104-5 (digital)

ISBN: 978-85-06-05266-2 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)

[sac@editoramelhoramentos.com.br](mailto:sac@editoramelhoramentos.com.br)

A reprodução total ou parcial deste material em qualquer forma que seja, idêntica ou modificada e por qualquer meio ou procedimento, seja mecânico, eletrônico, informático ou magnético e sobre qualquer tipo de suporte, não autorizada pelos editores, viola direitos reservados, é ilegal e constitui um delito.

